

O Segredo de Hemel Toe



Sy An-Ge Mairi
Cy-en Mairi

LAURA CORRE

Eu estava ofegante. Não dava para ver muito além de mim mesma. Era noite, estava escuro e havia bastante neblina ao redor. Cada árvore que eu passava, sentia mais medo.

O vento era gelado e parecia cortar o meu rosto. Ventava tanto que eu escutava um assobio intenso. As folhas eram jogadas de um lado para o outro, até que caíam no chão, derrotadas, parecendo anunciar o fim que me aguardava: a queda.

Quando voltou a chover, ao invés de ficar feliz sentindo as gotas me atingirem como se me lavassem, entrei no mais profundo desespero. Já não estava mais conseguindo pensar com clareza. Também não sabia para onde correr, qual direção tomar, ou mesmo que local era aquele.

Que direção tomar? Que local é esse?

De repente, um arrepio percorreu o meu corpo. Foi como se alguém, ou alguma coisa, tivesse passado por mim. Fiquei com frio e comecei a tremer.

Eu não queria simplesmente parar, desistir. Mas eu começava a perceber que estava ficando esgotada e não poderia mais fugir por muito tempo.

O que fazer, Laura, pensa, pensa, vamos!

Sempre fui rápida, ágil... Sempre me considerei esperta. Mas naquela situação, parecia que um enorme vazio havia tomado conta de mim. Tudo que eu conseguia era me torturar, perguntar por quê.

Por que, Laura, por que você se deixou levar assim? Por que você não viu mais cedo que tudo não passava de um jogo, de uma armadilha? E agora? O que é que você vai fazer?!

Outra pergunta que não saía da minha cabeça era quanto tempo eu ainda tinha para tentar achar uma saída. Pior, achar e fazer funcionar!

E eu tentava não olhar para trás, mas quanto mais eu tentava, mais parecia inevitável. Eu tinha que olhar. Era como se esse gesto me desse uma sensação de controle.

Laura, vamos lá... Controle de quê? O seu tempo está acabando!

A verdade é que eu não perdia a esperança de olhar para trás e ver o dia nascendo, o sol chegando.

Ai, eu daria qualquer coisa para acordar e ver que tudo não passava de um pesadelo.

Doce ilusão. Olhar para trás era apenas mais um risco, mais tempo perdido, paradoxalmente, tentando ganhar mais tempo.

De vez em quando eu sentia um sopro bem forte bater nas minhas costas, como se alguém quisesse me empurrar. Isso definitivamente fazia com que eu olhasse para trás. Só que quando eu olhava tudo o que via era a escuridão, não havia mais nada nem ninguém ali comigo. Era assustador.

Mas... Por que não acabam logo com isso e me destroem? Talvez eu ainda tenha alguma chance!

Retomei a coragem. Fiquei pensando que tudo poderia não passar de um mal entendido.

Eu apenas fiz justiça.

Isso não poderia justificar tamanha punição. Sim, pois só poderia se tratar de uma punição!

Mas eu logo voltava a ter os pensamentos mais sombrios...

Vieram buscar você, Laura. Você vai pagar pelas escolhas que fez com a própria vida.

E assim, atormentada, continuei correndo, desviando das árvores, sentindo o vento cortando o meu rosto, e com a nítida sensação de estar indo ao encontro do meu fim. Até que, já sem fôlego, fiquei sem saída e tive que parar.

Eu estava à beira de um precipício, o que me dava duas opções. Pelo menos teoricamente.

Uma era me jogar, o que não era muito animador. A outra era ficar e esperar seja lá o que estivesse atrás de mim. Isso também não era muito animador.

Nenhuma dessas opções evidentes, que qualquer pessoa na mesma situação enxergaria, tinham um final encorajador. Eu precisava ser mais criativa.

É estranho. Quando você está em uma situação de risco, sob um forte estresse emocional, parece que a sua mente e o seu corpo funcionam de forma diferente. Uma fração de segundos pode parecer uma hora, de tantas coisas que se consegue fazer e pensar.

Primeiro você passa a valorizar mais os pequenos detalhes, o dia a dia, e as pessoas que estão ao seu redor. Você vê a morte chegando e já não se importa mais com grandes projetos, fracassados ou não.

As coisas que passam pela sua cabeça naquela fração de segundos...

Eu lembrava o dia em que minha mãe me deu uma boneca vestida de princesa. Ela me disse que era assim que eu seria quando crescesse. Eu devia ter uns seis anos de idade.

Também de quando ela me deixou de castigo por eu ter feito bagunça na sala de aula e ela ter sido chamada ao colégio.

Mas o que eu comecei a lembrar mais fortemente foi o dia em que meu pai faleceu.

Eu tinha nove anos. Nos momentos finais ele estava deitado em sua cama com os olhos fechados, pegou a minha mão e pediu que eu cuidasse da minha mãe. Disse que eu deveria ser forte.

E assim que fiquei a sós com ele no quarto, ele virou a cabeça em minha direção e me olhou compenetradamente. Foi como se pudesse alcançar o que havia de mais profundo em mim: a minha alma.

De um modo bastante estranho, que me pareceu fora de contexto, de tudo o que a gente conversava, ele me segurou com muita força, quase me agredindo, e me implorou para eu não dar ouvido a vinganças. Fiquei bem assustada.

Como eu pude esquecer ou ignorar por tantos anos aquilo que ele havia me dito quase em tom de desespero? E por que eu não contei para ninguém?

“(...) Laura, não se deixe cegar pelo poder e pela vingança. É tudo uma grande ilusão. Você não precisa passar pela tempestade para triunfar. É tudo uma questão de escolha. Quando você for procurada deve estar fortalecida. Não se deixe levar... Resista!”

Foram essas as exatas e últimas palavras que ouvi do meu pai antes de ele partir.

Eu sentia que ele lutava para não ir embora, que ainda tinha outras revelações para me fazer.

Ele queria me alertar sobre mais alguma coisa! Eu sei disso!

Mas ele não teve mais tempo. Quando começou a articular as próximas palavras, o som simplesmente não saiu. Ele parou de conseguir falar, e não demorou muito os olhos se fecharam e ele se foi.

A imagem final dele, o rosto contorcido, cheio de dor, angústia, arrependimentos, não saiu da minha cabeça por anos e anos. Eu tive muitos pesadelos com aquela cena e com o que ele havia dito para mim.

Mas a nossa mente tem mecanismos de defesa incríveis, e o esquecimento - ainda que parcial, apenas de detalhes, ou de algumas palavras -, é perfeito em algumas situações.

Pelo menos assim eu pensei durante anos. Anos em que fiquei feliz por não ter mais pesadelos com a morte do meu pai, e por já nem mais pensar sobre as coisas que ele havia dito para mim. Por ter simplesmente encarado

aquilo que eu entendia como a verdade: meu pai estava muito, muito doente antes de morrer e devia estar delirando nos momentos finais.

De qualquer modo, na época eu não entendi nada. Por algum tempo aquilo tudo ficou martelando na minha cabeça, sem fazer qualquer sentido para mim. Não demorou e eu tratei de enterrar tudo bem no fundo do meu subconsciente sem titubear.

Só que hoje eu sei perfeitamente do que ele falava. Mais do que isso. Estou sentindo perfeitamente tudo aquilo de que ele tentou me alertar e que naquela época não fez qualquer sentido.

Voltando às situações de risco, àqueles momentos de muita tensão.

Os sentidos também ficam aguçados. Ao menor movimento ou barulho o nosso corpo reage instintivamente. E isso foi fundamental, pois a minha reação foi desenhar um pentagrama, e dentro dele, um círculo que ficasse ao meu redor, como há muito tempo eu não havia feito.

Fiquei protegida, ganhei um tempo para reorganizar os meus pensamentos. Voltei a ter esperança de que as coisas poderiam ter um final menos trágico para mim. Passei a me concentrar nisso.

Até esse momento na minha vida, eu tinha certeza de que não precisava me proteger de nada, que eu era invencível. Em questão de segundos tudo mudou. Agora lá estava eu, vulnerável, fraca, cheia de dúvidas, tendo que recorrer àquilo que eu havia aprendido no início de tudo.

Nunca imaginei que seria assim. Ou melhor, nunca parei antes para pensar nas consequências, para pensar que existiriam consequências. Acho que é por isso que algumas pessoas falam em obsessão. Você está tão tomado pelo desejo que não enxerga mais nada, só o seu próprio desejo.

Lado a lado com a minha obsessão caminhou também a falta de capacidade, ou melhor, a falta de vontade de me enxergar de verdade. E eu, ah, eu não queria me dar conta de que estava mantendo um toque de prepotência.

Sempre me considerava tão esperta a ponto de nem passar pela minha cabeça que as coisas poderiam sair do meu controle. Até passou, mas

eu preferi ignorar esse pensamento por completo e me manter firme no meu desejo, na minha obsessão, cegada de ódio.

Hoje chego a ver que também foi um pouco de ingenuidade. Mexer com forças tão poderosas e achar que sairia livre, impune, que ninguém mais interferiria nos meus planos, que se concretizariam linearmente, do modo como os arquitetei.

As forças universais são mais sábias. O equilíbrio acaba prevalecendo e colocando as coisas todas de volta em seu lugar. Às vezes sem nenhum sofrimento, mas às vezes, com muita dor, muita tempestade e destruição.

Se eu pudesse voltar no tempo...

Para ser mais precisa, como diria a minha mãe, e hoje eu diria também que é para não perder o último fio que me mantém ligada a mim mesma, que faz lembrar que eu ainda sou eu, que eu ainda posso ser eu: se eu pudesse voltar dois anos, sete meses, e onze dias no tempo...